

As chuvas na floresta, no campo e nas cidades da bacia do rio Acre (Final)

Prof. Dr. Alejandro Fonseca Duarte

Grupo de Estudos e Serviços Ambientais, Universidade Federal do Acre

A natureza demonstra que pode haver aqui muitíssima água, assim como severíssima seca.

Até finais deste mês de abril deveriam cair nas áreas de drenagem das microbacias Trinacional, Xapuri e Rôla, 24 trilhões de litros de água, que seriam 24 bilhões de metros cúbicos de água. Isso era o esperado. Na realidade caíram 32 bilhões de metros cúbicos de água e até esta data de julho de 2009 quase 40 bilhões de metros cúbicos de água. Dessa quantidade passaram pelo rio Acre em Rio Branco cerca de 7 bilhões de metros cúbico.

É muita água! Destaque somente para o mês de abril em que as chuvas triplicaram o valor esperado de 180 mm. Em janeiro, fevereiro e março choveu abaixo do normal, sendo interessante observar que a soma das chuvas de abril e maio excedeu a dos meses de janeiro, fevereiro e março juntos: meses estes conhecidos como os mais chuvosos do ano. Embora o rio tenha diminuído bastante o seu nível, é graças a abril e maio que agora está em 2,75 m; o ano passado nesta mesma época alcançava apenas 1,10 m.

Fora da bacia do rio Acre, na região do Juruá, o ápice das chuvas acontece em março e não em fevereiro como no leste do Acre. Em Cruzeiro do Sul choveu mais em maio do que em abril e em junho do que em fevereiro.

O Acre e outros lugares em terra na faixa equatorial, tanto na América do Sul como na África, têm suas estações do ano definidas pela Zona de Convergência Intertropical (ZCIT), uma região de concentração de nuvens, de muita umidade, originada pela ascensão do ar quente próximo do solo, deslocado pelas massas de ar mais frias que chegam do norte e do sul. A localização da ZCIT oscila sazonalmente em torno do equador algo como 1000 km para o norte e outro tanto para o sul, levando chuvas para sua área de abrangência no verão do hemisfério norte e no verão do hemisfério sul.

Então, escutar falar sobre a ZCIT no Acre significa que se está em pleno verão (o inverno amazônico, época das chuvas), nos meses de janeiro, fevereiro e março. A periodicidade do fenômeno, sua localização, a alta umidade, a continuidade da nebulosidade, sua permanência e enfraquecimentos durante sua atuação não são os mesmos a cada ano. Por exemplo, neste ano, em março, a ZCIT não se retirou para o norte do equador, permanecendo no sul influenciando a ocorrência de copiosas chuvas.

A influência foi sentida no Acre, em abril e maio, não tanto quanto nos estados mais ao norte. No ano de 2009, nos meses de abril, maio e junho aconteceram nas Regiões Norte e Nordeste do Brasil (Estados do Amazonas, Pará, Maranhão, Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, entre outros) as maiores enchentes em 55 anos; foram afetados mais de um milhão de pessoas, com registro de vítimas fatais e grandes danos à infraestrutura de moradias,

estradas, pontes, transporte terrestre, agricultura, produção de petróleo, produção de sal, etc.

No Acre as chuvas continuaram a cair após a chegada da transição para a seca e também nos meses de junho e julho, em plena seca. Uma mostra disso tem sido a impossibilidade da abertura da BR 364 para Cruzeiro do Sul, devido aos atoleiros.

As pancadas de chuvas que agora acontecem são uma consequência da umidade deixada pelas chuvas passadas. O calor reinante evapora a água do ambiente, que se evapora, condensa formando nuvens e chove; também a chegada das frentes frias não tem trazido aquele frio seco, elas fazem o ar quente subir transportando a água do ambiente, que se condensa, forma nuvens e produz essa chuva recorrente a cada entrada de massas de ar vindas do sul.